



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

10 de outubro 2014



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Sua Vida	Data: 10/10/2014
Assunto: DC na sala de aula		Página: 34

DIÁRIO CATARINENSE

Projeto escolhe novo mascote e premia alunos e professores

O DC na Sala de Aula está em busca de uma mascote e conta com a ajuda de alunos das redes estadual e municipal de ensino para criá-la. Estão abertas as inscrições para a Escolha da Mascote que irá representar o projeto. O concurso é aberto a estudantes do 1º ao 9º ano do ensino fundamental de escolas estaduais e municipais apoiadoras do programa.

Para participar é preciso enviar o desenho acompanhado de uma breve justificativa sobre a escolha. Ela deve ser escrita em no mínimo 10 linhas e no máximo 15, na fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entre linhas de 1,5 e margens justificadas. O trabalho deve ser feito com a orientação de um professor escolhido pelo próprio participante.

O material pode ser enviado por correio ou entregue pessoalmente na sede do Diário Catarinense (SC-401, número 4.190, Torre A, Saco Grande, Florianópolis) ou por e-mail (dcnasaladeaula@diario.com.br) no caso de desenhos gráficos.

Além do desenho e do texto com a justificativa da mascote, o participante deverá se identificar, informando: nome completo, idade, série, endereço completo, e-mail, nome do professor que o auxiliou, nome completo da escola e município.

VENCEDORES GANHAM CELULARES E TABLETS

Os trabalhos serão avaliados por uma comissão que levará em conta critérios como criatividade, identidade do programa e justificativa apresentada. No final, serão eleitos dois finalistas (um aluno do 1º ao 5º ano e um aluno do 6º ao 9º ano), que serão premiados com um tablet. Os professores orientadores ganharão um celular (smartphone). O desenho do grande vencedor, que será divulgado em dezembro, poderá ser usado como símbolo do Programa DC na Sala de Aula e divulgado no caderno DC na Sala de Aula.

A premiação será entregue no dia 15 de dezembro. As inscrições encerram no dia 14 de novembro, às 18h. As datas estão sujeitas a alterações. O regulamento está disponível no site www.dcnasaladeaula.com.br.



Veículo: A Notícia

Editoria: Portal

Data: 10/10/2014

Assunto: Educação

Página: 02

A NOTÍCIA

ENSINO | OLIMPIADA DE MATEMÁTICA

Treinos para

mentes brilhantes

Grupos preparam estudantes para disputar competições

estaduais e nacionais de soluções de problemas

HYURY POTTER

Qual o resultado da soma dos números de 1 a 100? No final do século 18, em vez de repetir o cálculo para cada número, o alemão Carl Friedrich Gauss criou as bases da progressão aritmética ao solucionar o problema percebendo que a soma dos números em extremos opostos daria o mesmo valor ($1+100$, $2+99$, $3+98$, ..., $50+51 = 101$). A conta final seria 50 vezes o número 101, resultando em 5.050.

A história sobre Gauss, que se tornaria um dos maiores matemáticos da humanidade, segue como um bom exemplo de que a ciência pode não ser tão exata quanto parece. Para estimular a criatividade em alunos dos ensinos fundamental e médio, as olimpíadas de matemática foram criadas no começo em 1959, na Hungria, e depois se espalharam pelo mundo, até chegar ao Brasil na década de 1970.

– A questão de uma olimpíada não procura a aplicação de uma fórmula, mas sim propõe que o aluno raciocine para solucionar o problema. Isso faz com que o desenvolvimento do aprendizado deles melhore não apenas em matemática, mas em outras disciplinas também – explica o professor do departamento de Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), José Luiz Pinho.

Valorização em escolas de outros países

O professor também é representante regional da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) e coordena um curso básico para alunos das redes de escolas públicas e privadas que querem fazer as provas.

Além da OBM, alunos de escolas públicas ainda podem fazer os testes da Olimpíada Brasileira das Escolas Públicas (OBMEP). Neste ano, foram mais de 10 mil estudantes catarinenses inscritos para a primeira etapa, realizada em maio.

– Há uma tendência em valorizar esse tipo de prova. Por exemplo, muitas universidades estrangeiras oferecem vagas para brasileiros que participam do programa Ciência Sem Fronteiras e que já tenham conquistado...



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia	Editoria: Portal	Data: 10/10/2014
Assunto: Educação		Página: 02

A NOTÍCIA

“

Uma olimpíada não procura a aplicação de uma fórmula, mas propõe que o aluno raciocine para solucionar o problema.

José Luiz Pinho
Representante regional da Olimpíada Brasileira de Matemática

professor de Matemática e representante da OBMEP em SC.

Primeiro brasileiro a ganhar a medalha Fields, honraria reconhecida como um Nobel da matemática, Artur Ávila começou fazendo provas de olimpíadas

ainda no ensino médio e hoje serve de exemplo para muitos alunos. No entanto, o objetivo das aulas de preparação organizadas no Departamento de Matemática da UFSC vai além de encontrar um novo Artur.

– A primeira reação dos estudantes é largar o lápis e dizer que a questão é muito difícil e não vão conseguir fazer nada. Depois que a gente vai repassando algumas técnicas, eles aprendem que não é tão impossível assim – conta Daniella Losso, que auxilia os alunos do grupo.

Acostumado a tirar boas notas na escola, Victor Duarte, 14, aluno do 9º ano do Colégio Catarinense, em Florianópolis, se prepara para ganhar medalha na Olimpíada Brasileira deste ano.

– Perguntaram na minha escola se eu queria participar e aceitei. No começo não era muito bom nessas questões, mas fui melhorando. Na olimpíada há problemas interessantes e isso é mais estimulante – diz Victor.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia

Editoria: Portal

Data: 10/10/2014

Assunto: Educação

Página: 02

A NOTÍCIA

TREINE UM GÊNIO

COMO PARTICIPAR?

As inscrições para as provas de olimpíada para os níveis 1 (6º e 7º ano), 2 (8º e 9º anos) e 3 (ensino médio) normalmente começam em fevereiro. As etapas são realizadas de maio a outubro. Municípios como Criciúma, Joinville e Tubarão chegam a fazer solenidade de premiação para alunos que ganham medalhas. Para participar, a instituição de ensino ou o aluno podem entrar em contato com os organizadores estaduais das olimpíadas.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA

Florianópolis:

Departamento de Matemática da UFSC
Professor José Luiz Pinho
Contato: (48) 3721-4595

Chapecó:

Centro Tecnológico da Uochapeco
Professora Rosângela Ramon
Contato: (49) 3321-8111

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DE ESCOLAS PÚBLICAS

Florianópolis:

Departamento de Matemática da UFSC
Professor Lício Hernanes Bezerra
Contato: (48) 3721-4675



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Tudo sobre Floripa	Editoria: Notícias	Data: 10/10/2014
Assunto: Feira Estadual de Ciências		Página: Online



Estudantes do Ceja da Capital vencem concurso da Feira Estadual de Ciências

Alunas fizeram trabalho sobre os hábitos dos fumantes na Capital

Duas estudantes do CEJA de Florianópolis venceram o concurso da Feira Estadual de Ciências e Tecnologia, encerrada na quinta-feira (9), em Florianópolis. Elaine Furlan e Lucéle dos Santos são estudantes do Ensino Médio. As duas apresentaram o projeto Bitucas de cigarro, que procurou mapear os hábitos dos fumantes no centro da Capital.

A Feira ocorreu nas dependências do Ginásio Rozendo de Lima Vasconcelos, do Instituto Estadual de Educação, e contou com cerca de 2 mil visitantes, com 84 projetos desenvolvidos por 168 alunos e seus respectivos professores orientadores. Confira quais os projetos vencedores

Ensino Fundamental

1º lugar - Camila Fuhr e Alesandra Neiss, da EEB São José, de Itapiranga, com o projeto Micro-organismos Eficientes na Mescla Beneficiosa do Cultivo de Orquídeas.

2º lugar - Ana Paula Campos e João Batista Weber de Souza, da EEF Prof. Augusto Carlos Stefanos, de Campos Novos, com o projeto Uhe São Roque gerando expectativas.

3º lugar - Lucas Luiano Piacentini e Adiel Miotto, da EEB Prof. Odilon Fernandes, de Joaçaba, com o projeto Odilon Games.

Ensino Médio

1º lugar - Elaine Furlan e Lucéle dos Santos, do CEJA de Florianópolis, com o projeto Bitucas de cigarro, uma amostra dos hábitos dos fumantes no centro de Florianópolis.

2º lugar - Camila Stulp e Daeana Bourscheid, da EEB São Vicente, de Itapiranga, com o projeto Efeitos da poluição sonora no ambiente escolar.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

3º lugar - Bianca Gomes e Adilson Lopes Junior, da EEB Profa Jandira D'Ávilla, de Joinville, com o projeto Química do Amor.

Educação Profissional

1º lugar - Chérilyn Dias e Lucas Somavilla, do Cedup Campo Erê, de São Lourenço D'Oeste, com o projeto Avaliar a eficiência de insetos triturados como repelente de pragas.

2º lugar - Renan Basquerote e André Luiz Rosa, do Cedup Prof. Jaldyr da Silva, de Joaçaba, com o projeto Incubadora Artesanal: Tecnologia para subsistência familiar.

3º lugar - Gabriella Adratt e Gabriel Santos, da EEB Profª Valdete Zindars, de Jaraguá do Sul, com o projeto Software e Aplicativo para biblioteca escolar.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: G1	Editoria: Educação	Data: 10/10/2014
Assunto: Nobel		Página: Online



VESTIBULAR E EDUCAÇÃO

Malala passa a ser a pessoa mais jovem a ganhar um Nobel; veja lista

*Paquistanesa de 17 anos dividiu Nobel da Paz com Kailash Satyarthi.
Por quase 100 anos, Lawrence Bragg foi o mais jovem Nobel da história*

A estudante paquistanesa Malala Yousafzai se tornou nesta sexta-feira (10) a pessoa mais jovem a ganhar o Prêmio Nobel da Paz. Aos 17 anos, Malala foi premiada por causa de sua luta pelo direito das mulheres à educação no Paquistão dominado pelo regime talibã. Ela dividiu o prêmio com Kallash Sartyarhi, de 60 anos, é um ativista de direitos das crianças na Índia.

Veja abaixo a lista das 10 pessoas mais jovens a ganhar um prêmio Nobel.

1º) Malala Yousafzai, 17 anos, Paquistão. Prêmio Nobel da Paz de 2014

Dividiu o prêmio com Kailash Satyarthi da Índia "por sua luta contra a supressão de crianças e jovens e pelo direito de todas as crianças à educação."

2º) Lawrence Bragg, 25 anos, Austrália. Prêmio Nobel de Física de 1915

Dividiu o prêmio com seu pai, Sir William Henry Bragg, pelos serviços na análise da estrutura cristalina por meio de raios-X. Era o mais jovem Nobel da história até esta sexta-feira (10).

3º) Werner Heisenberg, 31 anos, Alemanha. Prêmio Nobel de Física de 1932

Pela criação da mecânica quântica, cuja aplicação, entre outros, levou à descoberta das formas alotrópicas do hidrogênio.

4º) Tsung-Dao Lee, 31 anos, China. Prêmio Nobel de Física de 1957

Dividiu o prêmio com Chen Ning Yang por sua investigação penetrante das chamadas leis de paridade, o que levou a descobertas importantes sobre as partículas elementares.

5º) Carl D. Anderson, 31 anos Estados Unidos. Prêmio Nobel de Física de 1936

Pela descoberta do pósitron. Compartilhou o prêmio com Victor Franz Hess.

6º) Paul A. M. Dirac, 31 anos, Reino Unido. Prêmio Nobel de Física de 1933



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Compartilhou o prêmio com Erwin Schrodinger pela descoberta de novas formas produtivas da teoria atômica.

7º) Frederick G. Banting, 32 anos, Canadá. Prêmio Nobel de Medicina de 1923

Dividiu o prêmio com John James Rickard Macleod pela descoberta da insulina.

8º) Tawakkol Karman, 32 anos, Iêmen. Prêmio Nobel da Paz de 2011

Dividiu com Ellen Johnson Sirleaf e Leymah Gbowee pela luta não violenta pela segurança das mulheres e pelos direitos das mulheres à participação plena no trabalho de construção da paz.

9º) Rudolf Mossbauer, 32 anos, Alemanha. Prêmio Nobel de Física de 1961.

Por suas pesquisas sobre a absorção de ressonância de radiação gama e sua descoberta. Compartilhou o prêmio com Robert Hofstadter.

10º) Mairead Corrigan, 32 anos, Irlanda do Norte. Prêmio Nobel da Paz de 1976

Fundador do Movimento de Paz da Irlanda do Norte. O prêmio foi compartilhado com co-fundador Betty Williams.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: R7	Editoria: Educação	Data: 10/10/2014
Assunto: Cidadania		Página: Online



CGU regulamenta programa que oferece formação sobre cidadania para escolas

A meta é que 1.049 escolas de todas as capitais do País participem do projeto

A CGU (Controladoria-Geral da União) regulamentou nesta semana a criação do Programa Um por Todos, Todos por Um! Pela Ética e Cidadania. A iniciativa pretende estimular o desenvolvimento de uma cultura ética e cidadã entre crianças e adolescentes.

O programa consiste na promoção de ações educativas em instituições de ensino. Neste ano, a meta da CGU é que 1.049 escolas de todas as capitais do país participem do projeto, beneficiando 91.980 estudantes.

Com a regulamentação, os números poderão ser ainda maiores, porque desde que foi criado, em 2008, o programa tem que selecionar as escolas públicas que recebem a iniciativa, já que era viabilizado por recursos da própria CGU, com apoio de outros órgãos, como o Ministério da Educação.

Agora, foi garantida a possibilidade de cadastramento de mais escolas, inclusive privadas, pelas próprias prefeituras, que poderão se responsabilizar pela impressão e distribuição de material. Já os organizadores do programa disponibilizarão os arquivos e capacitarão os educadores, além de monitor e divulgar a iniciativa e seus resultados.

Participação voluntária

Segundo o regulamento, a participação é voluntária, "mediante autorização por autoridade legalmente constituída de ente público federal, estadual ou municipal, ou de instituição da rede privada, que será credenciada como parceira".

A vinculação pode ser feita desde já, por meio da assinatura de um Termo de Adesão que será encaminhado à unidade da CGU de cada estado.

O projeto conta com a parceria do Instituto Maurício de Sousa, que ilustra os materiais com a conhecida Turma da Mônica. Tanto professores quanto estudantes recebem cartilhas com informações sobre cidadania, democracia, interesse público, participação social, autoestima e Lei de Acesso à Informação, dentre outros temas.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Na avaliação do secretário de Transparência e Prevenção da Corrupção da CGU, Sérgio Seabra, iniciativas como essa podem mudar a realidade do país.

— Nós entendemos que a luta contra a corrupção exige uma mudança cultural e de comportamento de cada um. Apenas com cidadãos conscientes, comprometidos com a ética e com a honestidade, é que podemos avançar na luta contra a corrupção e por um país mais justo, afirma.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 10/10/2014
Assunto: Politicamente Correto		Página: Online



PATRULHAMENTO DO "POLITICAMENTE CORRETO" ASSOMBRA PROFESSORES

Para especialistas, conflitos entre educadores e alunos revelam campos de tensões ainda não resolvidos na sociedade e devem ser respondidos pedagogicamente

Fonte: Revista Educação

Quando professores e alunos passam pelos portões da escola, carregam com eles não só livros, cadernos, lápis ou canetas. Trazem consigo também o que leram no jornal ou viram na TV, o que compartilharam na internet e tudo o mais que ouviram, conversaram, experimentaram pelo caminho. Professores e alunos carregam para a escola suas crenças, descrenças, certezas, incertezas e também opiniões e questionamentos que circulam pelas ruas.

Ou seja: os portões não têm o poder mágico de anular a história dos indivíduos que passam por eles e, por consequência, tampouco neutralizam os conflitos que podem nascer do encontro de visões distintas de mundo em uma sala de aula. "É uma grande ingenuidade achar que pode haver ação humana neutra", diz Pedrinho Guareschi, professor do programa de pós-graduação em psicologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele, que foi orientando de Paulo Freire, lembra que é justamente do encontro entre diferentes posições que nasce o processo pedagógico.

Mas quando os conflitos do lado de fora se acirram, os ânimos dentro da escola também se influenciam. "É substancialmente mais fácil uma educação em uma sociedade em que haja consenso sobre o que é belo, feio, certo e errado", diz José Sérgio Fonseca de Carvalho, doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, professor da Faculdade de Educação na mesma instituição e colunista de Educação. "Mas vivemos, no Brasil, um momento de absoluta diversidade de posição e absoluta incomunicabilidade entre essas posições," avalia. Neste embalo, o que seria oportunidade de educar reduz-se a confronto. E sem sentido.

Patrulhamento

Um professor de cursinhos pré-vestibulares em São Paulo - que pediu para não ser identificado - reclama, por exemplo, do que ele chama de "patrulha do politicamente correto". "É uma patrulha tão cega de alguns alunos, sempre em busca de alguns



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

indícios que, na opinião deles, mostram algum tipo de preconceito escondido que é o suficiente para que você seja alvo do ódio e perseguição", diz ele. Como exemplo, conta que fez um comentário desprezível sobre não gostar de lojas de utilidades domésticas durante uma aula e teria sido chamado de "machista nojento" por uma aluna. Ele se diz tolhido por este tipo de postura, que considera belicosa.

José Sérgio contextualiza a questão. "Não há por que a gente temer o conflito: a relação professor aluno é uma relação pautada pelo conflito", diz. "A questão é como responder pedagogicamente aos conflitos que estão instalados."

E não há fórmula pronta a ser seguida pelos docentes, mas exclusivamente um preceito que deve balizar a prática pedagógica: a busca permanente do equilíbrio entre as convicções pessoais e o papel do professor como parte de uma instituição - a escola - regida por valores sociais, como, por exemplo, o combate a todo tipo de preconceito, a busca da igualdade racial e de gênero, a laicidade do Estado.

O professor Guareschi recorre novamente a Paulo Freire - "não há um que sabe mais e outro que sabe menos; há um que sabe uma coisa e outro que sabe outra coisa" -, para indicar que a busca desse equilíbrio passa justamente por acolher os questionamentos dos outros frente a questões.

"A essência do processo pedagógico é fazer perguntas", diz. Quando a escola se pretende neutra e deixa de ser o espaço para se questionar, passa a formatar e não formar cidadãos e cidadãs.

E quando esse ambiente não está dado no ambiente escolar, seja qual for o motivo? O professor de pré-vestibulares ouvido pela reportagem - que descreve as ações de patrulha a que tem sido submetido no seu trabalho - lembra, no entanto, que esta dinâmica de discussão e debate de ideias não cabe em aulas de cursinho, voltadas para a transmissão de conteúdos muito específicos.

Questão de classe

O professor aponta na direção das escolas ou, mais especificamente, de determinadas escolas "de elite" - que formam a maioria dos alunos que fazem parte do público que procura os cursinhos preparatórios - e que se dedicariam a uma formação mais crítica dos alunos, para indicar a origem do que considera um autoritarismo dos alunos.

Ele reconhece que é importante estar atento para não se reproduzirem o racismo, o machismo, a homofobia, mas se diz incomodado com a "patrulha injusta".

De forma sintomática, aquilo que é considerado um avanço - o reconhecimento de que a maneira como falamos ou nos referimos às minorias sociais é também uma forma de reprodução dos preconceitos - parece não ter chegado justamente à população que mais é vitimada pela exclusão social. Na escola pública, que recebe a imensa maioria dos filhos das classes mais pobres, o "politicamente correto" passa longe.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

"Ninguém tá nem aí, há deboches de todo tipo", relata uma professora de português da rede municipal de Porto Alegre, que também pediu para não ter seu nome citado.

Ela conta que é muito comum o conhecido "pegar no pé" por conta da orientação sexual dos colegas e ver alunos gritando ofensas raciais - inclusive, alunos negros. Mas o deboche alcança também o próprio politicamente correto. "Outro dia, um deles me disse: "Só não deixa eu ir ao banheiro porque sou negro". E ele era branco!"

O que é da escola?

Mais do que com as piadas sem graça, a professora mostra-se preocupada com o fato de que a concepção de escola internalizada pelos alunos igualmente reflete o ideário da escola neutra, focada na transmissão do conteúdo. Ela narra um episódio revelador: "Eu propus aos alunos que participássemos de um concurso, produzindo vídeos sobre a questão do negro, partindo da história de Zumbi do Palmares. Um aluno, negro, me contestou, me enfrentou até em sala de aula dizendo que onde já se viu, isso não era coisa para se fazer na escola."

O que é ou não é "coisa para se fazer na escola" é foco permanente de disputas que se expressam também na postura das direções e coordenações e, frequentemente, dos pais em relação ao conteúdo e ou práticas pedagógicas propostas por professores. Em grande parte dos casos, essas disputas ganham contornos moralizantes, como ocorreu - mais de uma vez - com uma professora de português da rede privada de Porto Alegre.

Ela conta que a presença da palavra "coito" em um texto que ela havia selecionado para ler com alunos da segunda etapa do Ensino Fundamental foi o suficiente para ouvir reclamações. Em outro episódio, a menção ao hábito de fumar também foi questionada. "As pessoas que fazem a escola têm se achado muito modernas, mas em geral eu vejo muitos discursos prontos", diz a professora. "E o pior é que esta coisa toda do politicamente correto acaba mascarando as questões mais profundas."

Um efeito disso parece ser o enquadramento também dos alunos a esta lógica moralizante. Com esta professora, os alunos estranham e alguns até reclamam que livros infantojuvenis, indicados pelos programas de livros didáticos e de incentivo à leitura para a idade deles, contenham termos como "putz" ou "merda". "A escola continua trabalhando com esta coisa da aura da criança ingênua, pura. Parece não haver uma discussão sobre este suposto ser angelical com quem trabalhamos", desabafa.

Para Pedrinho Guareschi, a ideia da escola neutra mascara perguntas importantes. "'Que tipo de sociedade nós queremos?' é a pergunta que deve guiar toda ação educativa", afirma ele. "A questão é que, como em muitas sociedades ninguém está contente, estamos vivendo convulsões em todas as sociedades, nós temos de parar para discutir o que queremos. E a educação tem de estar dentro disso."

Pressões e política

Os conflitos de caráter político-ideológico que permeiam a educação não se expressam exclusivamente como um fenômeno de sala de aula. Num momento da história do país



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

em que se intensificam os debates sobre os diferentes tipos de discriminação - racial, de gênero, por orientação sexual -, em que as mudanças no cenário de distribuição de renda põem em questão as divisões de classe social e em que temas envolvendo as liberdades individuais e visões religiosas também se tornam foco de discussões, também na área da educação isso tudo vem à tona.

Há dois anos, o projeto Escola sem Homofobia do Ministério da Educação transformou-se no centro de uma longa polêmica sobre a tematização da sexualidade nas escolas. Representantes de igrejas evangélicas e a bancada conservadora do Congresso Nacional pressionaram o governo federal, que acabou desistindo da distribuição do material pedagógico que serviria à discussão da orientação se-xual e dos preconceitos e violências relacionados. Mais recentemente, ganhou notoriedade nas redes sociais um site que reúne denúncias contra professores que utilizariam o espaço escolar para "doutrinar" os alunos. No caso, a "doutrina" denunciada inclui questões como a reforma agrária, o direito de propriedade, os direitos da população GLBTT e o que são consideradas "versões de esquerda" da história.

A tentativa de cristalizar o conhecimento em versões estanques é apontada como grande ameaça a um projeto de educação democrático. "Quem quer continuar dominando não aceita uma nova prática educativa", alerta Guareschi. "O que pode fazer da escola um lugar emancipador em termos políticos não é apresentar a posição A, B ou C, liberal, socialista ou anarquista, mas sim ser o espaço onde estão reunidas pessoas que têm várias posições", avalia José Sérgio Carvalho. "A grande vantagem de estar no espaço escolar não é apreender uma dessas posições, mas entender as razões que cada um, nessa pluralidade de experiências, tem para tomar as suas decisões."



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 10/10/2014
Assunto: Metodologia	Página: Online	



PESQUISADORA DESENVOLVE METODOLOGIA PARA AJUDAR ALUNOS QUE TÊM MEDO DE MATEMÁTICA

Estudo analisa o comportamento de estudantes entre 12 e 16 anos que se sentem ansiosos ao resolver questões matemáticas

Fonte: Revista Educação

A pesquisadora Danielle Cristine Borges Piuzana Barbosa, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), está trabalhando no desenvolvimento de uma metodologia para ajudar alunos que ficam ansiosos quando têm de resolver problemas matemáticos.

O trabalho está sendo realizado no Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento e parte da constatação de que, quando há ansiedade, os recursos cognitivos das crianças se voltam para o sentimento, e não para a resolução da atividade proposta. Isso foi verificado em exames de neuroimagem, segundo a pesquisadora, que está analisando o comportamento de crianças e adolescentes com perfil ansioso com idades entre 12 e 16 anos.

O objetivo de Danielle é fazê-los adquirir consciência dos pensamentos negativos que os prejudicam para, posteriormente, terem condições de modificá-los. Outra ênfase é estimular a autorregulação do comportamento para que o estudante aprenda a criar uma rotina de estudo. O objetivo da psicóloga é sintetizar o resultado desses experimentos em técnicas aplicáveis em sala de aula.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Todos pela Educação	Editoria: Educação	Data: 10/10/2014
Assunto: Empreendedorismo		Página: Online



OPINIÃO: A IMPORTÂNCIA DA VISÃO EMPREENDEDORA NA EDUCAÇÃO

"A Educação deve ter uma visão empreendedora, que contemple valores, esteja aberta às novas tecnologias, integre família e escola e transcenda o 'conteudismo'", afirma Leo Fraiman

Fonte: UOL Educação

Como a escola pode deixar antigos paradigmas de lado e adotar uma nova forma de educar, mais consonante com um mundo em constante transformação, e numa velocidade cada vez mais rápida? Nessa nova realidade, a educação deve ter uma visão empreendedora, que contemple valores, esteja aberta às novas tecnologias, integre família e escola, transcenda o "conteudismo", aprenda a se conectar com as crianças e jovens deste tempo e considere o sonho e a felicidade como metas a alcançar.

A educação empreendedora parte de duas grandes premissas. Uma considera o valor do todo e de todos. É a partir do envolvimento de todos os profissionais da instituição e do alinhamento de suas atitudes que esta poderá servir a sociedade de forma ética e sustentável. A outra premissa é a integridade, alcançada quando se mobiliza cada ação cotidiana em direção ao maior alinhamento possível entre o que pensamos e desejamos. Ao unir pensamentos, sentimentos e comportamentos, uma pessoa está mais integrada consigo mesma, com a sua verdade, e obtém maior poder pessoal.

Não cabe somente ao professor, em sala de aula educar. A polidez, a clareza na comunicação, o desejo de ajudar devem estar presentes em cada gesto, olhar e atitude de todos os profissionais da escola. Pois tudo que se fala sobre direitos humanos na sala de aula vai por água abaixo se na secretaria da escola as pessoas tratam os pais de maneira indecorosa. De nada adianta a professora falar sobre a importância do capricho nos trabalhos aos alunos, se na hora do lanche eles recebem sua comida colocada de qualquer jeito no prato.

Assim como o aprendizado de língua portuguesa não se restringe somente aos professores desta matéria e precisam ser reforçados pelos colegas nas suas aulas (falando adequadamente e com clareza), nas provas (com boa redação e facilidade de entendimento), nos murais espalhados pela escola (atrativos, claros e motivadores) e na forma como tratam os alunos (com assertividade e polidez nas palavras usadas e na maneira de falar), valores, crenças e atitudes são transmitidas pelo que se fala e faz no



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

contexto escolar. É preciso unidade para uma instituição se tornar forte e seu sucesso se mostrar duradouro.

Esse nosso jeito de educar está baseada numa série de compromissos, que norteiam todas as nossas ações e atitudes. O primeiro deles é com o aluno. Cada educando bem formado é fonte de novos bens, valores e força motriz para a sociedade. Isso significa que todos nós educadores cuidamos dos recursos humanos que garantirão o desenvolvimento do nosso país no longo prazo, e educar, assim, se torna um ato ético e sustentável. E você, como educador, já pensou em como pode adotar esses novos pensamentos e adaptá-los ao cotidiano de seus alunos?

*Leo Fraiman é psicoterapeuta, escritor e palestrante. É autor da Metodologia OPEE, adotada atualmente por mais de 150 escolas em todo o Brasil, e também do livro "Como Ensinar Bem", pela Editora OPEE, além de outros títulos publicados nas áreas de Orientação Profissional, Familiar e de Educação.